



9º Encontro Internacional de Política Social
16º Encontro Nacional de Política Social
Tema: A Política Social na Crise Sanitária revelando Outras Crises
Vitória (ES, Brasil), 13 a 15 de junho de 2023

Eixo: Análise, Avaliação e Financiamento das Políticas Públicas.

Bullying e Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV)

Jacinta da Silva Barbosa¹
Fabício Rodrigues da Silva²

Resumo: Configurando-se como uma forma de violência e, portanto, uma “expressão da questão social”, o bullying tem sido uma problemática que vem atingindo os vários espaços sociais de interação de maneira negativa. Sendo o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos um espaço que atende crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social como forma de Proteção Social Básica, torna-se um ambiente propício para trabalhar temas diversos, dentre eles, o bullying. O trabalho se constitui de relato de experiência de estágio obrigatório em Serviço Social, enfatizando de modo especial, a realização de intervenção desenvolvido no SCFV intitulado “#Bullying não é brincadeira”, realizando-se também uma pesquisa bibliográfica em autores de referência na área.

Palavras-chave: Bullying. Relações Sociais. Serviço de Proteção Social Básica. Serviço Social.

Bullying and Coexistence Service and Bond Strengthening (SCFV)

Abstract: Configuring itself as a form of violence and, therefore, an "expression of the social issue", bullying has been a problem that has been reaching the various social spaces of interaction in a negative way. Since the Social Service and Strengthening of Bonds is a space that serves children and adolescents in situations of social vulnerability as a form of Basic Social Protection, it becomes an environment conducive to working on various themes, among them, bullying. The work consists of a report of experience of mandatory internship in Social Work, emphasizing in a special way, the performance of intervention developed in the SCFV entitled "#Bullying is not a joke", also conducting bibliographical research in reference authors in the area.

Keywords: Bullying. Social Relations. Basic Social Protection Service. Social services.

1 O bullying como uma face da violência e uma expressão da “questão social”

A sociedade sofre transformações sócio-históricas as quais contribuem para a produção e reprodução das relações sociais em seus espaços de convívio e interação com o outro. No capitalismo, estas transformações são ainda mais intensificadas, acarretando problemas que fomentam o desenvolvimento de expressões que contribuem para a vulnerabilidade social, essas expressões fazem parte da questão social, que de acordo com Santos (2012, p.17) “[...] expressão das desigualdades sociais oriundas do

¹ Graduada em Serviço Social pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Email: jacinta.barbosa@aluno.uepb.edu.br

² Doutorando em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor do Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Email: fabriciorodrigues@servidor.uepb.edu.br

modo de produção capitalista [...]”, a qual surge diante dessas mudanças históricas, constituída por um sistema, que em sua dinâmica visa o lucro, utilizando de estratégias as quais não prima pelo bem-estar da população de forma igualitária. Como afirma Araújo e Silva (2014, p.3):

Vivemos um contexto social onde se encontram explícitas as mazelas sociais como a pobreza e o desemprego, fatores esses que geram a desigualdade social e posteriormente proporcionam um ambiente propício a comportamentos e atitudes violentas, agressivas e antissociais.

Sendo assim, o contexto no qual estamos inseridos corrobora para inúmeras problemáticas que atingem em especial a parcela da população que vive em vulnerabilidade social, sendo mais propensa a ser afetada por situações de violência, em função da falta de políticas públicas eficazes, que promovam a materialização dos seus direitos constituídos em leis.

Na nossa sociedade “[...] uma parcela significativa de pessoas e grupos sociais não tem satisfeitas as necessidades humanas básicas e, nesse sentido, os seus direitos garantidos em lei e no processo civilizatório são negados” (KAUCHAKJE, 2011, p.34). Percebe-se então, que a negligência de direitos ao qual a população é acometida, está relacionada às contradições que são encontradas na sociedade, em detrimento do processo de acumulação de riquezas, gerando as expressões da questão social. Uma dessas expressões é a violência, ela faz parte do processo histórico da sociedade, no entanto, tem sido intensificada diante do desenvolvimento das desigualdades sociais acarretadas pelo sistema capitalista, atingindo diferentes faixas etárias.

Neste contexto, as crianças e adolescentes são expostas a práticas de violência, em suas diferentes configurações. Por muito tempo foram vistos como sujeitos sem direitos, e, portanto, não havia uma preocupação direcionada especificamente em promover ações pensadas para este público a fim de desenvolver suas habilidades, e na proteção contra situações de violência. Ocorreram avanços com relação a serviços, políticas, e legislações de proteção à criança e ao adolescente, no entanto, as contradições existentes na sociedade dificultam a garantia dos direitos conquistados por esses sujeitos:

O Estatuto da Criança e do Adolescente vem ao encontro com o desejo social daqueles que consideram essa fase da vida como uma condição

peculiar de pessoa em desenvolvimento, e compreendem que a criança e o adolescente devem ser reconhecidos conforme sua idade, tendo garantia do direito à sobrevivência, ao desenvolvimento e à integridade, sem distinção. (MARCHEWICZ, 2013, p.13).

O reconhecimento desse público como sujeito de direito é recente, assim como a valorização dessas etapas para o desenvolvimento e formação do ser social. O Estatuto da Criança e do Adolescente foi um marco muito importante, a partir dessas legislações foi possível gerar na sociedade um sentimento de preocupação com as crianças e adolescentes, na busca em oferecer espaços sociais pensados para o desenvolvimento de suas potencialidades, assim como a proteção contra qualquer tipo de violência, no entanto, a realidade tem se mostrado diferente, devido os contrastes existentes na sociedade, comprometendo assim, com a sua efetivação,

[...] a realidade brasileira se apresenta de forma adversa aos princípios e normativas até então estabelecidas, uma vez que, crianças e adolescentes estão sob o risco diário de experimentarem a violência física, psicológica, sexual, e a negligência. E o mais preocupante, é que as situações de violência partem daqueles que tem a incumbência de cuidar e proteger (DA SILVA et al., 2018, p.5).

Desta forma, a violência é uma pauta social, que merece atenção, ainda mais quando relacionada a crianças e adolescentes, que diariamente são expostas a situações de violência que afetam o progresso de suas competências, negligenciando os direitos sociais como cidadãos que merecem proteção e cuidado. Historicamente esses sujeitos sofreram inúmeros descasos, pois não se tinha cuidado, eram submetidos a experimentarem, nos mesmos ambientes de um adulto desde muito cedo, como aponta Rocha (2002, p.55) “[...] a história da criança contada por ARIÈS, destaca que as crianças foram tratadas como adultos em miniatura: na sua maneira de vestir-se, na participação ativa em reuniões, festas e danças.” Provavelmente em contato com vários eventos de violência, por estarem vivenciando as mesmas experiências dos adultos.

Tratar das expressões do fenômeno da violência contra crianças e adolescentes, ainda têm sido uma árdua tarefa, em decorrência, sobretudo, do machismo, que privilegia uma sociedade pautada na desigualdade de gênero, do patriarcalismo e das relações de poder. Configurando esse problema como uma das principais expressões da questão social (DA SILVA et al., 2018, p.3).

Portanto, o combate a violência contra crianças e adolescentes, tem sido desafiador por questões sociais relacionadas às desigualdades e as contradições que

existem na sociedade capitalista, estruturadas em seu processo de formação sócio-histórica. Diariamente estão sujeitos a episódios de violência em suas diferentes nuances, seja ela física, psicológica, ou sexual, isso nos vários espaços os quais frequentam, tendo um fator agravante, ocorrendo até mesmo dentro da instituição familiar. Embora a constituição de 1988 tenha direcionado o cuidado e proteção destes sujeitos ao Estado, sociedade e família, é notável a falha das três instituições.

Dentre as várias formas de violência, uma que tem repercutido na sociedade, nas interações sociais entre crianças e adolescentes, é o bullying. Apesar de receber uma denominação, que possa causar certo distanciamento com o termo violência, ele não é, pois em sua essência as ações relacionadas ao bullying, é característica de violência, já que o agressor utiliza de meios violentos para intimidar a vítima. Estas atitudes ocorrem de forma repetida, através de zombarias, agressões físicas e psicológicas.

Brito et al. (2015, p.128) afirma que “o Bullying, ao se caracterizar como violência [...] é uma expressão das manifestações da questão social, onde ela é objeto de intervenção do profissional de serviço social”. Desta maneira, entende-se que o bullying é uma configuração da violência, sendo um reflexo das expressões da Questão Social, oriundas das transformações ocorridas na produção e reprodução das relações sociais geradas pelo sistema capitalista, o qual tende a contribuir para as mudanças dos espaços sociais, assim como nas relações do sujeito nos espaços os quais pertencem.

Portanto, a violência se apresenta na sociedade em diferentes maneiras, apresentando várias características em decorrência das transformações societárias, sendo um problema estrutural, muitas vezes naturalizada, nas interações sociais, ainda mais no processo educativo das crianças e adolescentes como afirma Minayo (2001, p.92) “A violência contra criança e adolescente, no transcorrer da civilização, além do caráter arbitrário dos pais de decidirem sobre sua vida, sempre esteve muito vinculada ao processo educativo”. Sendo assim, um processo reprodutivo nas relações sociais nos espaços de vivência comunitária, já que o sujeito tende a reproduzir ações as quais experimenta.

Nestas diferentes configurações a qual a violência é apresentada nos espaços de interação, o bullying é uma problemática que tem levantado vários

questionamentos, diante dos agravamentos que ele pode causar à vítima, levando até mesmo ao suicídio, apresentando desta forma características de violência.

A violência, em geral, é uma expressão da questão social. Partindo disso, é que não se pode falar em violência sem mencionar o fenômeno tão presente na contemporaneidade como o bullying e, em particular, o escolar, onde se percebe a carência de um profissional de serviço social, para atuar, junto à equipe pedagógica, no combate, prevenção e redução deste problema social (BRITO et al., 2015, p.131).

O bullying é um problema social que merece atenção, pois essas ações são atos de violência que trazem inúmeros transtornos físicos e psicológicos, que acabam comprometendo a vivência dos sujeitos no meio social, já que estes não se sentem protegidos para estarem frequentando os diferentes ambientes sociais, sendo um fator preocupante, já que há o afastamento, o que compromete na sua formação como ser social. Desta forma, são importantes ações preventivas contra as práticas de bullying, principalmente com crianças e adolescentes, que acabam sendo marcados de maneira significativa.

As práticas de bullying podem ocorrer em diferentes recintos, sendo mais recorrente e intensificado no espaço escolar. Araújo e Silva (2014, p.2) apontam que “[...] “bully” vem do inglês e significa valentão, substantivada para bullying que significa exercer valentia contra outro, que podem ser agressões verbais ou morais repetitivas e sem justa causa, que podem ocorrer em diversos ambientes da sociedade”. Essas práticas podem ocorrer de diferentes formas, seja ela física, ou verbal, as quais intimidam e ridicularizam as suas vítimas, como uma “diversão” sem motivo aparente, estando presente em diversos ambientes, desta maneira, entende-se que essas práticas estão relacionadas com o processo de produção e reprodução das relações sociais, em uma sociedade desigual,

Portanto, o bullying não pode ser considerado apenas uma simples brincadeira entre crianças e adolescentes, pois são exatamente suas características de agressividade e conflitos que geram a violência, sendo responsável por muitas vezes construir resultados negativos no indivíduo no seu processo de construção enquanto ser humano (ARAÚJO; SILVA, 2014, p.4).

Assim, o bullying não é uma brincadeira “inofensiva”, ela é uma problemática que traz muitos danos ao indivíduo, pois acontece de forma violenta prejudicando em níveis preocupantes aqueles que são vítimas de práticas do bullying.

Sendo assim, este tipo de violência não pode ser naturalizado como uma “brincadeira”, pois não é. O bullying é uma configuração de violência e, portanto, é necessário um combate contínuo e eficaz para que a sociedade possa refletir e conscientizar-se que o bullying não deve ser despercebido, ou visto e não combatido, principalmente dentre o público infantil e de adolescentes, pois os estudos apontam que essas ações têm aumentado de forma considerável em nossa sociedade.

De acordo com a pesquisa do UNICEF (2017), em todo mundo cerca de 130 milhões de crianças e adolescentes entre 13 e 15 anos, sofrem diariamente com o Bullying. No Brasil, esses dados alcançam os 43%, no qual meninas e meninos relataram que já vivenciaram situações de violência dessa natureza (DA SILVA et al., 2018, p.11).

Os dados são bastante significativos e preocupantes, assim, a sociedade e o Estado não podem ficar omissos para este tipo de situação, que compromete no processo de formação social dos sujeitos, que diariamente deparam-se com intimidações, insultos, pressões psicológicas que inibem a sua interação e convívio nos espaços comunitários com outros sujeitos. Por isso, é importante que a sociedade esteja engajada no combate ao bullying nos vários espaços sociais, família, escola, nos serviços de proteção social básica, para que desta forma este tipo de violência seja combatido.

Vale destacar que, apesar do bullying originalmente se referir a práticas de violência envolvendo crianças e adolescentes no ambiente escolar, essas práticas podem acompanhar os indivíduos também na idade adulta, sendo denominadas de assédio moral, quando o agente ocupa um cargo hierarquicamente superior à vítima, e de mobbing, quando os agentes são os próprios colegas de trabalho, sem relação direta de superioridade nas funções que ocupam (BARBIERI, 2019).

Dessa forma, essas práticas precisam ser prevenidas e combatidas desde cedo, para que não sejam naturalizadas, perdurando em outras fases da vida. Para isso, é fundamental também o trabalho das instituições e serviços no combate a esta prática através de metodologias de trabalho social que conscientizam os sujeitos envolvidos, papel que é desempenhado, por exemplo, pelo Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, conforme recuperamos a seguir.

2 Relato de experiência sobre a intervenção “#bullying não é brincadeira”

No Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) do município de Santa Cecília – PB são ofertadas oficinas de pintura, música, dança, e artesanato, além de englobar diferentes temáticas que possibilitam aos usuários o acesso a diferentes informações que viabilizem o desenvolvimento da sua autonomia, na melhoria do seu convívio comunitário e familiar, de maneira a contribuir na construção de um ambiente mais favorável para a sua formação social. Diante disto, é observada a importância de atividades sobre a temática do bullying, tendo em vista o seu agravamento e por está presente nas relações e no convívio com o outro, sendo assim, necessária a promoção de ações voltadas para o debate desta temática em diferentes espaços.

Ainda segundo a Tipificação de Serviços Socioassistenciais, o SCFV é uma “forma de intervenção social planejada, que cria situações desafiadoras, estimula e orienta os usuários na construção e reconstrução de suas histórias e vivências individuais e coletivas, na família e no território”, ou seja, a ênfase do trabalho socioeducativo realizado no SCFV, sem dúvidas é a convivência social (LEIFHEIT, 2016, p.15).

Diante desta perspectiva, o espaço do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) foi um ambiente propício para a execução do projeto, já que o mesmo faz parte do trabalho social, como instrumento de proteção social básica, tendo como estratégias o trabalho em grupo, na perspectiva de levar informações e fortalecer os vínculos em defesa dos direitos dos sujeitos que vivem em situação de vulnerabilidade social, sendo a temática abordada no decorrer da execução do projeto importantíssima para que os usuários do serviço refletissem sobre as problemáticas que o bullying causa na vida das vítimas que sofrem com a sua prática. Foi possível perceber a importância do Serviço em oferecer ações preventivas, utilizando diferentes técnicas como subsídios para atingir os objetivos e metas.

A execução da intervenção foi realizada em três etapas, sendo executadas pela estagiária e pelas técnicas do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), tomando como estratégias, dinâmicas, jogo, roda de conversa, reprodução de vídeos e música sobre a temática, produção de cartazes, trazendo a ludicidade para que os usuários pudessem assimilar às informações de maneira dinâmica e significativa, proporcionando que os mesmos através das atividades propostas pensassem sobre o

tema, o quanto as práticas do bullying comprometem nas atividades de quem sofre com ele.

A intervenção desenvolvida no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) ofertado pelo CRAS de Santa Cecília - PB contou com a participação mais significativa do público infantil, com faixa etária de 07 a 13 anos, contabilizando ao todo nas três etapas, 44 participantes, entre eles, profissionais do SCFV, visitadoras do Programa Criança Feliz, a secretária da Assistência Social, técnicas do CRAS, estagiária e o público-alvo do projeto. Vejamos a seguir, de forma mais detalhada, como a experiência se deu.

Na primeira etapa, realizamos a apresentação do projeto de intervenção para os profissionais do SCFV, para realização desta etapa foi utilizada a técnica de abordagem em grupo e os instrumentos usados foram: dinâmica de grupo, roda de conversa e leitura de depoimento sobre a temática. O primeiro momento foi iniciado com a fala da estagiária, logo após foi realizada a dinâmica com balões, nesta dinâmica, foi entregue aos participantes balões para que enchessem, depois em equipe teriam a missão de não deixar cair os balões. Aos poucos foram sendo retirados os participantes, ficando apenas um, com a missão de não deixar os balões caírem, a partir da dinâmica foi realizada uma reflexão sobre a importância dos serviços na assistência social, assim como o trabalho em equipe, para que estes serviços sejam oferecidos aos usuários com qualidade. Logo após, foi realizada a apresentação do projeto de intervenção, sendo entregue um folder com um resumo do projeto para que os participantes tivessem acesso, diante disso, foram apresentadas as partes do projeto de forma detalhada, abrindo espaço para discussões e reflexões com relação ao tema do projeto. Este primeiro momento foi executado na perspectiva de se construir um planejamento coletivo com todos os profissionais envolvidos na execução do projeto de intervenção. Como sabemos, a dimensão do planejamento é fundamental na realização de ações no âmbito do SCFV, segundo Bonin e Kruger (2015, p.70) “O planejamento também é uma ação política permanente de intervenção e um ato contínuo de reflexão-decisão-ação-reflexão”.

Assim, podemos observar que o planejamento é indispensável no exercício profissional, pois ele possibilita refletir sobre o processo do desenvolvimento das ações, analisando os fatores que podem contribuir ou não para que as metas e objetivos sejam

alcançadas, reavaliando as ações do profissional. Desta forma, o planejamento é uma etapa essencial, para que seja realizado um trabalho que contemple as necessidades sociais dos sujeitos, pois através dele é possível organizar e estruturar os meios e estratégias que serão desenvolvidas na execução das atividades, além de proporcionar uma leitura do contexto e das condições materiais da instituição na qual estão inseridos os sujeitos.

Depois, foi feita a leitura de um depoimento sobre a temática do bullying, abrindo espaço para que o grupo pudesse refletir a partir do depoimento, sobre a relevância de ações preventivas de combate ao bullying, diante de seus prejuízos físicos e psicológicos. A atividade foi finalizada com a socialização do que foi discutido sobre o tema.

Na segunda etapa, foi executada a oficina “Bullying não é brincadeira”, realizada através de abordagem em grupo, utilizando como instrumentos: dinâmica em grupo, slides, vídeos, música, questionamentos, roda de conversa, sendo mediada pela estagiária e as técnicas do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). Iniciou-se com um momento de acolhida, através de conversação, depois foi entregue placas aos participantes com ilustrações de legal e não legal, sendo apresentadas imagens em slides no projetor para que eles classificassem se as ações eram legais ou não legais. Colocou-se a palavra bullying emborcada no chão para que os participantes fossem citando as letras, até a palavra ser revelada; logo após foi reproduzido um vídeo sobre a temática do bullying. Neste momento, foi realizada uma roda de conversa com as profissionais de psicologia e serviço social, através de questionamentos e reflexões sobre o bullying e as brincadeiras. Para finalizar, as técnicas fizeram questionamentos sobre o que foi vivenciado na oficina, após os questionamentos, foi reproduzida a música: “bullying sai pra lá” (DVD ECA), e, foram feitos os agradecimentos finais com entrega de chocolate e adesivos educativos aos participantes.

Nesta ação, podemos perceber a importância da reflexão sobre as brincadeiras versus as práticas de bullying nas vivências sociais, para que os participantes pudessem diferenciá-las, e não naturalizar essas práticas como brincadeiras, sendo importante, que as crianças e adolescentes possam usufruir de um ambiente saudável, possibilitando o desenvolvimento de suas potencialidades como sujeitos dotados de direitos sociais.

Podemos avaliar o impacto das práticas do bullying nas relações sociais destes sujeitos, sendo verificado, que estas ações de combate ao bullying são necessárias, pois elas estão presentes no dia a dia das crianças e adolescentes, colaborando para o agravamento de problemas físicos e psicológicos que prejudicam o desenvolvimento pleno destes sujeitos, que diante destas práticas tendem ao isolamento.

Podemos inferir que a maneira como foi abordada a temática, através da ludicidade, contribuiu para que os participantes interagissem de maneira mais significativa, participando ativamente da oficina, fazendo inferências e reflexões sobre o bullying. De acordo com Leifheit (2016, p.16), “o planejamento das atividades a serem executadas, bem como a composição dos grupos deve estar em consonância com os objetivos específicos do SCFV [...]”. Assim, a forma como são abordadas as temáticas no SCFV é muito importante, por isso, a necessidade do planejamento na elaboração e execução dessas atividades, que devem ser pensadas e analisadas com responsabilidade. Ainda de acordo com Brasil (2009) apud Leifheit (2016, p.10) “[...] as intervenções devem ser pautadas em experiências lúdicas, culturais e esportivas como formas de expressão, interação, aprendizagem, sociabilidade e proteção social”. Desta forma, o trabalho pedagógico é muito importante nas atividades desenvolvidas no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.

Já na terceira etapa, executamos a oficina com o tema Bullying e as relações sociais, realizada por meio de abordagem em grupo, utilizando as técnicas de roda de conversa, jogo, caixa de perguntas e produção de cartazes. Inicialmente, foi realizada uma fala de acolhida, através de sondagens, logo após foi realizado o jogo das emoções, que consistiu em os participantes jogarem um dado com diferentes imagens, expressando como se sentem em relação a determinadas situações. Neste momento, foi realizada uma roda de conversa, ministrada pelas técnicas do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), na qual foram feitos questionamentos sobre o bullying nas relações sociais. Neste momento, foi feito um apanhado do que foi discutido no decorrer do projeto, através de uma caixa com perguntas, com reprodução de música para que a caixa fosse sendo passada entre as crianças, quando a música parava, o participante retirava a pergunta da caixa, sendo socializada com todos. Por último, foram elaborados cartazes sobre a temática, proporcionando aos participantes expressarem o que foi apreendido na execução do projeto.

As ações desenvolvidas durante a execução do projeto foram riquíssimas, os usuários participaram das atividades propostas, sendo observado que já tinham um conhecimento prévio sobre o tema, concluindo assim, que o bullying está presente nas relações sociais, portanto, é preciso vivências que promovam reflexões sobre este tipo de violência, que atua de maneira silenciosa, causando efeitos negativos aos que estão expostos a essa problemática.

Assim, o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos demonstrou ser um espaço propício para a realização de ações que promovam a prevenção de práticas de bullying, já que ele atende usuários que são expostos a situações de vulnerabilidade social, com o objetivo de realizar atividades que fortaleçam os vínculos familiares e comunitários, proporcionando o desenvolvimento das potencialidades, da autonomia e da emancipação.

Ademais, observa-se que o bullying tem sido uma problemática preocupante, a qual está presente nas interações entre crianças e adolescentes nos diversos espaços de convivência, gerando muitos transtornos, que interferem no desenvolvimento das potencialidades desses sujeitos. Através do projeto de intervenção, foi comprovado o quanto o trabalho de temáticas como o bullying para o público infanto-juvenil é necessário, pois eles estão expostos a situações como estas, seja nos espaços os quais frequentam, em especial, o ambiente escolar, assim como a vítima, o agressor também deve ser trabalhado, para que se possa compreender os determinantes que levam a situações relacionadas à violência do bullying,

[...] embora o bullying seja “pouco” visto como algo de extrema importância, devemos estar proporcionando maior conhecimento sobre o mesmo, de forma que todos possam então compreendê-lo como também reconhecer sua existência, e isto pode ser então iniciado a partir do momento que investamos em projetos e políticas que promovam a participação e ainda o envolvimento de todas nesta causa (SILVA, 2018, p.43).

O trabalho realizado sobre a temática do bullying foi de grande relevância, pois através das atividades propostas, os usuários puderam conhecer mais sobre o tema, fazendo a diferenciação sobre a brincadeira e o bullying, refletindo que práticas de bullying não devem ser levadas como brincadeiras, pois, essas atitudes machucam o outro, o que não faz parte da brincadeira, desta maneira, as atividades proporcionaram aos participantes repensarem sobre as suas ações com o outro em seus espaços de

convívio comunitário. Um desses espaços é a escola, havendo uma ocorrência significativa de práticas de bullying, podendo ser observado nos relatos dos participantes do SCFV, desta forma, o trabalho desenvolvido neste ambiente possibilita uma rede de apoio no combate ao bullying.

Os resultados da intervenção foram muito satisfatórios, foi notável o quanto eles se doaram para fazer as suas reflexões sobre a temática, colocando suas indagações, citando exemplos de situações que os desagradam, tais como “apelidos”, agressões verbais, físicas, sendo observado ser recorrente no espaço escolar. Ações como esta, são necessárias, especialmente com o público infantil e adolescente, para que eles possam ter os seus direitos garantidos e não negligenciados por situações de violência como o bullying, que afeta a vida das vítimas, trazendo consequências físicas e psicológicas. Desta forma, a intervenção promoveu ações de prevenção no combate ao bullying, possibilitando conhecer mais sobre a temática, proporcionando refletir sobre as causas e efeitos desta violência no cotidiano das crianças e adolescentes em suas relações de interação com o outro.

Destarte, a partir da intervenção realizada no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) com relação ao bullying, foi percebida a necessidade do trabalho com as crianças e adolescentes sobre temas que fazem parte das suas interações sociais, para que possam desenvolver atitudes de respeito e empatia com o outro, desta maneira, o serviço não pode estar isento do seu papel em promover diferentes ações que contribuam para o fortalecimento dos vínculos e Proteção Social Básica de seus usuários, em diferentes temáticas. O trabalho com projetos no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) é um instrumento que pode trazer resultados significativos para o alcance de objetivos e metas propostos pelo serviço em relação a promover a Proteção Social Básica dos usuários que frequentam o espaço.

Referências

ARAÚJO, Marcelândia Nunes; SILVA, Luciana Bessa. A intervenção do Assistente Social nas práticas do Bullying. **Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**, v. 2, n. 5, 2014. Disponível em: <https://interfaces.unileao.edu.br/index.php/revista-interfaces/article/view/434>. Acesso em: 16 de jun. de 2022.

BABIERI, Juliana Munaretti de Oliveira. **Bullying, assédio moral e mobbing**. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/70734/bullying-assedio-moral-e-mobbing>. Acesso em: 30 de nov. 2022.

BONIN, Silvana; KRÜGER, Tânia Regina. Planejamento e Serviço Social. **Sociedade em Debate**, v. 21, n. 2, p. 63-83, 2015. Disponível em: https://web.archive.org/web/20180415214720id_/http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rsd/article/viewFile/1216/860. Acesso em: 05 de nov. de 2015.

BRITO, Anne Heracléia et al. Bullying: uma expressão da questão social. **Serviço Social & Realidade**, v. 24, n. 2, 2015. Disponível em: <https://periodicos.franca.unesp.br/index.php/SSR/article/view/2738>. Acesso em: 16 de jun. de 2022.

DA SILVA, Jesimiele Vanesa et al. As múltiplas expressões da violência contra crianças e adolescentes. **Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, v. 16, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/22515>. Acesso em: 16 de jun. de 2022.

KAUCHAKJE, Samira. **Gestão pública de serviços sociais**. 3. Ed. Curitiba: Ibpex, 2011.

LEIFHEIT, Adriana Aparecida Rossini. **Características relevantes do serviço de convivência e fortalecimento de vínculos para a educação integral de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidades sociais**. Acervo Digital da UFPR, 2016. Disponível em: <https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/53610>. Acesso em: 27 de jun. de 2022.

MARCHEWICZ, Bernadete Fernandes. Atividades socioeducativas para crianças e adolescentes através de oficinas. 2013. **Monografia (Pós-graduação)** – Universidade Tecnológica Federal do Paraná Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino. Medianeira, 2013. Disponível em: https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/20869/2/MD_EDUMTE_2014_2_103.pdf. Acesso em: 27 de jun. de 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Violência contra crianças e adolescentes: questão social, questão de saúde. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 1, p. 91-102, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/mQqmmSTBf77s6Jcx8Wntkkg/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 22 de jul. de 2022.

ROCHA, Rita de Cássia Luiz. História da Infância: reflexões acerca de algumas concepções correntes. **Monografia (Licenciatura em Pedagogia)** – UNICENTRO, Guarapuara - PR. v.3 n° 2 p. 51-63, 2002. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Rita-De-Cassia-Da-Rocha/publication/292993991_HISTORIA_DA_INFANCIA_REFLEXOES_ACERCA_DE_ALGUMAS_CONCEPCOES_CORRENTES/links/56b4c9bd08ae3c1b79aaf32b/

HISTORIA-DA-INFANCIA-REFLEXOES-ACERCA-DE-ALGUMAS-
CONCEPCOES-CORRENTES.pdf. Acesso em: 10 de nov. de 2022.

SANTOS, Josiane Soares. **“Questão Social”**: particularidades no Brasil. – São Paulo: Cortez, 2012.

SILVA, Bianca Aparecida Goes da. Bullying: A violência de Ensino Fundamental I educando para a paz. **Trabalho de Conclusão de curso (Licenciatura Plena em Pedagogia)** – Faculdades Atibaia - FAAT, Atibaia – SP. 2017. Disponível em: <http://186.251.225.226:8080/handle/123456789/80>. Acesso em: 22 de junho de 2022.